

RESUMO

Propomos uma reflexão sobre as interfaces entre o método de observação e o método de tratamento no avanço da pesquisa clínica psicanalítica. A clínica precoce nos convoca à necessidade de uma redimensão do objeto de estudo, pois intervirmos num tempo que antecede aquele da linguagem. Nesse sentido, interrogamos se o valor metafórico da palavra poderia ser comparado ao valor dos gestos e do comportamento do bebê. Winnicott, ao enfatizar sobre a diferença entre “primitivo” e o “profundo”, oferece-nos novos subsídios para compreender que a “criança da observação” e a “criança da cura analítica” não são antagônicas, mas sim complementares.

Descritores: método de observação; método de tratamento; intervenção precoce; pesquisa em psicanálise.

COMO O MÉTODO DE OBSERVAÇÃO DIRETA DO COMPORTAMENTO DO BEBÊ E DA CRIANÇA PODE CONTRIBUIR PARA AVANÇO DA PESQUISA CLÍNICA PSICANALÍTICA?¹

Camila Saboia

Esta questão tem sido bastante levantada nos últimos tempos, à medida que a psicanálise ganha espaço no campo da clínica da intervenção precoce. Sabe-se que a clínica da primeira infância nos convida a reaver os conceitos de investigação clínica, uma vez que somos convocados a intervir num tempo psíquico que antecederia à constituição do inconsciente e da linguagem. Nesse sentido, supomos que há um redimensionamento do objeto de estudo psi-

■ Psicanalista, doutoranda da Universidade de Paris 7, psicóloga pesquisadora do projeto Programme International pour le Langage de l'Enfant (PILE, Hospital Necker, Paris).

canalítico, dado à necessidade de descentralizá-lo do modelo clássico, fundamentado na análise do discurso do sujeito, e contextualizado no quadro de cura o processo analítico, para daí passarmos ao estudo dos precursores da linguagem do bebê ou do comportamento da criança – ambos baseados nos métodos de investigação empírica e da observação direta.

Certos psicanalistas como A. Green (*L'enfant modèle*, 1979) irá criticar o uso do método de observação direta na pesquisa psicanalítica, ao alegar que este método de investigação corresponderia muito mais aos métodos utilizados nas ciências objetivas do que na ciência interpretativa, na qual se inscreve a Psicanálise. Green acrescenta ainda que tal método tenderia a privilegiar o estudo das estruturas do *moi* (ego), assim como os aspectos da “forma” no lugar dos “conteúdos”, provocando uma redução significativa da análise dos aspectos dinâmicos da vida psíquica do sujeito.

Para Green, isso levaria à supressão do que é de mais fundamental na investigação psicanalítica: *a falta* e, conseqüentemente, a uma indiferença dos aspectos constitutivos da teoria psicanalítica – *a transferência e contratransferência* – o que resultaria na clivagem entre a “criança observada”, oriunda do método de investigação empírica, e “a criança reconstruída pela psicanálise”, originária do processo analítico baseado no método de tratamento.

É nesse sentido que A. Green criticara o trabalho de Ester Bick (1967),² situando-o fora do campo da investigação psicanalítica. Para Green, o método proposto por E. Bick não se enquadraria no campo da psicanálise, uma vez que ela toma como paradigma de estudo a “criança” no lugar dos “sonhos”, o que é interpretado por Green como um completo abandono do objeto da psicanálise.

Em contrapartida, temos a posição de J. Siksou (1989), que supõe que os aspectos associados à *ausência* ou à *falta*, tais como os compreendemos na teoria psicanalítica, além dos elementos transferências associados aos aspectos de *projeções e identificações* dos conteúdos emocionais, seriam analisáveis num tempo *posteriori* às observações, isto é, em um momento considerado *como o terceiro tempo do método*.

Este último corresponderia ao momento no qual o observador, num quadro de uma supervisão em grupo, elaboraria, em conjunto com outros analistas, suas impressões clínicas e os aspectos *contratransferenciais*, vivenciados durante as sessões de observações. Isto nos leva a supor, então, a possibilidade de uma real adaptação

do método de observação direta às pesquisas em psicanálise, à medida que propomos uma análise exaustiva dos aspectos transferênciais e contra-transferênciais no momento dito do *après-coup*.

Nesse sentido, vale a pena nos interrogarmos sobre a existência de uma dimensão simbólica no comportamento do bebê ou da criança. Afinal de contas, é possível comparar o valor metafórico das palavras aos dos gestos?

Para abordarmos essas questões, é necessário, primeiramente, lembrarmos que a própria construção dos conceitos da psicanálise infantil engendrou-se da prática de observação. Como exemplo, podemos citar M. Klein, que, no seu artigo *En observant le comportement des nourrissons* (1952), afirma ter encontrado, pela via da prática de observação dos lactentes, novos subsídios que lhe permitiriam confirmar suas hipóteses teóricas concernentes ao desenvolvimento emocional primitivo do bebê, subentendendo-se assim que certos aspectos da vida psíquica do sujeito poderiam ser recolhidos e analisados por meios que ultrapassariam os métodos convencionais associados às interpretações do discurso do sujeito.

Nesse mesmo contexto, podemos situar a prática psicanalítica de Winnicott, em *A observação de bebês numa situação padronizada* (1941), desenvolvida a partir do trabalho de observação do comportamento do bebê no quadro de suas consultas te-

rapêuticas. Sabe-se que Winnicott costumava analisar o comportamento do bebê, observando suas reações e interesse quando lhe era apresentado, durante a sessão, uma espátula de cor metálica e reluzente. Para ele, todos os gestos do bebê direcionados ao *objeto-espátula*, assim como a maneira pela qual ele o apreende, o manipula, o explora e, finalmente, o repudia, lançando-o ao chão, revelavam-nos indícios importantes sobre a qualidade de interação e adaptação da criança ao *ambiente*. Isto porque, para Winnicott, os *gestos* do bebê, e mesmo seus comportamentos diante dos objetos reais do ambiente, poderiam por si só nos revelar a *avidez (greed) do bebê* face ao mundo, além dos componentes primários de sua realidade psíquica e subjetiva como as *pulsões agressivas* e *pulsões criativas*. Na realidade, foi graças a essas experiências de observação que Winnicott pôde chegar à formulação do conceito mais importante de sua obra: *os objetos transicionais*.

É nesse sentido que Winnicott irá enfatizar a importância de considerar o método de observação para o avanço da construção da teoria psicanalítica. No seu artigo *La contribution de l'observation directe des enfants à la Psychanalyse* (1957), sublinha o fato de que um diálogo entre os analistas e observadores deve ser estabelecido para que se tenha um progresso no âmbito do estudo e pesquisa do comportamento precoce do bebê. O autor acrescenta ainda que esse avanço não contribui apenas às pesquisas re-

lacionadas ao campo da psicanálise da infância, uma vez que considera que o estudo do comportamento do bebê revela aspectos primitivos da ontogênese humana e aspectos globais do desenvolvimento do sujeito.

Como vimos, tanto M. Klein como D. Winnicott consideram a prática do método de observação como fundamental para o avanço da pesquisa em psicanálise – no entanto, ambos enfatizam a importância de reconhecer os limites desse método no contexto da pesquisa em psicanálise. Eles afirmam, por exemplo, que tal método permite somente o acesso parcial dos processos inconscientes, no que concerne ao psiquismo da criança e do adulto. Isto explica a posição categórica de Winnicott ao afirmar que o trabalho da clínica e da observação devem ser tomados como duas vias “complementares” e não “antagônicas” ou “substitutadas”.

É por esse viés que Winnicott postula sobre a importância de diferenciarmos o conceito entre *profundo* (associado aos fantasmas inconscientes e à realidade psíquica) e *primitivo* (associado à ideia do ambiente como constitutivo do eu). Winnicott (1957, p. 75) afirma: “Profundo não é sinônimo de primitivo, porque é necessário que o bebê atinja um certo grau de amadurecimento, para tornar-se gradativamente capaz de ser profundo”.³ A distinção entre esses dois conceitos é, na realidade, condição *sine qua non* para conduzirmos um trabalho coerente entre o método de tratamen-

to e o método de observação; caso contrário, poderíamos facilmente cair no erro de considerar que os conteúdos arcaicos do psiquismo humano possam ser apreendidos a “*olho nu*”.

Parece-nos importante aqui apontar a posição paradoxal sustentada por Winnicott. Ao mesmo tempo em que enfatiza os limites do método de observação como um meio de ascender aos conteúdos do psiquismo humano, insiste na ideia, como mencionamos acima, na qual uma análise minuciosa da maneira como o bebê interage com o *objeto espátula* desvendaria-nos dados primordiais sobre seu mundo subjetivo e sobre a organização de sua dinâmica *mundo interno-mundo externo*. Ele afirma: “Na situação-padrão, o bebê que está sendo observado oferece-me importantes indicações sobre o seu desenvolvimento emocional” (Winnicott, 1941, p. 126). Assim, podemos observar que Winnicott refere-se constantemente à sua dupla experiência, ao tentar integrar a “criança real” (observada nos braços de sua mãe) com a “criança reconstruída pelo método de cura analítica”.

P. Fédida, no seu artigo “L’Objet” (1978), postula que o método de observação direta pode contribuir efetivamente para pesquisa em psicanálise, desde que consideremos, *a priori*, um trabalho de *designificação* do comportamento do bebê e da criança. Compreende-se, assim, que a seleção dos dados observados não deve ser influenciada por uma tentativa do observador de confirmar hipóteses já formuladas previamente; ao contrário, espera-se que o observador tome inicialmente uma posição de distanciamento, o que corresponderia ao trabalho de *designificação*. Isto tudo para que, em seguida, no momento considerado como o do *après-coup*, a função teórica de um signo referente a um comportamento possa finalmente revelar seu conteúdo *teórico*, sob aquele que se apoiou inicialmente. Ideia esta que vai ao encontro de J. Siksoun evocada anteriormente. “A designificação se efetua e é sob essa condição que o signo toma, na teoria, o poder de um paradigma ou de um sintagma”.⁴ (Fédida, 1984, p. 184). É nesse sentido que P. Fédida postula que o conceito de *objeto transicional* de Winnicott não foi na realidade *descoberto* por ele, mas apenas *teorizado* graças à realização de um trabalho de *designificação* de Winnicott sob comportamento do bebê em interação com o meio ambiente.

Supõe-se, assim, que o método de observação do bebê restitui à escuta do analista uma sensibilidade “*tátil*” e “*visual*”. Essa nova sensibilidade, segundo P. Fédida, poderia enriquecer e mesmo apro-

fundar a escuta analítica nas suas qualidade de “preensão”, isto é, nos seus diferentes registros sensoriais e concretos. O autor acrescenta ainda que, ao considerarmos o fato de que um “*gesto observado*” poderia revelar-nos um material digno de uma “*escuta*” no senso analítico do termo, poderíamos a partir daí reconhecer uma nova fonte de criatividade e de renovação do próprio discurso analítico como a Psicanálise compreende (Fedida, 1978). Seguindo essa mesma posição, temos René Roussillon (1990) que sublinha a importância de colocarmos nossos “*olhos à escuta*”, à medida que, segundo ele, os gestos da criança atribuíriam e revelariam um “*gesto à escuta*”.

Nesse sentido, inferimos que a psicanálise no campo da intervenção precoce nos obriga a romper com certos paradigmas do *setting* analítico da psicanálise clássica, para daí inventarmos novos dispositivos metodológicos de pesquisa. Isto implica em considerar que o método da observação direta é, sem dúvida, enriquecedor para o avanço da pesquisa clínica psicanalítica, caso não cometamos um grande erro de tentarmos “adaptar” ou “encaixar” um método ao outro. Ao contrário, tanto observadores como psicanalistas sairiam ganhando, se cada um deles reconhecesse as particularidades próprias de cada método e de seus respectivos limites.

Isto nos leva a concluir que as observações diretas praticadas por psicanalistas não se integram à psicanálise “*hors murs*” (extramuros), mas

sim “*bors de la cure*” (fora do *setting* tradicional), isto é, ela não transborda o campo da psicanálise, mas sim constitui-se por uma nova via que não aquela do método clássico da cura analítica. Enfim, ao se ter em mente as diferenças e contribuições desses dois métodos, pode-se constatar que a *criança da observação* e a *criança da cura analítica* não são necessariamente *antagônicas*, mas sim *complementares*, já que ambas nos permitem articular a *temporalidade do desenvolvimento* com a *temporalidade do après-coup*, o que corresponde à própria *temporalidade da elaboração psíquica*. ■

REFERÊNCIAS

- Bick, E. (1992). Remarques sur l'observation des bébés dans la formation des analystes. In *Journal de la Psychanalyse de l'enfant* « L'observation des bébés », (12), 14-35.
- Fédida, P. (1978). L'“Objet”. Objet, jeu et enfance. L'espace psychotérapeutique. In *L'absence*, (pp. 137-281). Paris: Gallimard.
- Green, A. (1979). L'enfant modèle. In *Nouv. Rev. Psychanalyse*. (19), 27-47.
- Klein, M. (2005). En observant le comportement des nourrissons In *Développements de la psychanalyse* (pp. 224-253) Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1952).
- Roussillion, R. (1990). Transférer la Psychanalyse. In *Revue Française de Psychanalyse* (5) 1205-1215.
- Sikso, J. (1992). L'observation directe. In *Journal de la psychanalyse de l'enfant, L'observation du bébé*, (12), 260-285.
- Winnicott, D. W. (1970). Contribution de l'observation directe des enfants a la psychanalyse. In *Processus de maturation chez l'enfant. Développement affectif et environnement*. (pp. 73-79). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1957).
- Winnicott, D. W. (2000). A observação de Bebês numa Situação Padronizada. In *Da pediatria a psicanálise*. (pp. 37-56). Paris: Payot. (Trabalho publicado originalmente em 1941).

HOW CAN THE METHODOLOGY OF DIRECT OBSERVATION OF THE BABY'S AND THE CHILD'S BEHAVIOUR CONTRIBUTE TO THE PROGRESS OF THE RESEARCH IN CLINICAL PSYCHOANALYSIS?

ABSTRACT

This article introduces a frame of reflexion about the links between “the method of observation” and “method of treatment” in the field of research in clinical psycho-analysis. Early clinic leads to necessarily reconsider the object of the study, as it is about intervening at an early stage, before the language appears. To that extent, the question is raised whether the metaphoric value of the language could be compared to the value of the baby's gestures and behaviour. Winnicott, by highlighting the difference between “primitive” and “profound”, offers new ways to understand that the “child in observation” and the “child in analytic cure” are no longer antagonist, but complementary.

Index terms: *method of observation; method of treatment; early intervention; research in psycho analysis.*

COMO EL MÉTODO DE OBSERVACIÓN DIRECTA DEL COMPORTAMIENTO DEL BEBE Y DEL NIÑO PUEDE CONTRIBUIR EN EL DESARROLLO DE LA INVESTIGACIÓN CLÍNICA PSICOANALÍTICA?

RESUMEN

El artículo propone una reflexión sobre las interfases entre “el método de “observación” y de «método de

tratamiento » en la investigación clínica psicoanalítica. La clínica precoz necesita reconsiderar su objeto de estudio puesto que interviene en una etapa que precede la adquisición del lenguaje. De esta manera, el cuestionamiento se basa en una posible comparación del valor metafórico de la palabra y del valor de los gestos y el comportamiento del bebé. Winnicott enfatizó sobre la diferencia entre « primitivo » y « profundo » estableciendo así nuevas maneras de entender que « infante en observación » e « infante en cura analítica » no son dos métodos antagonistas sino complementarios.

Palavras chave: método de observación; método de tratamiento; intervención precoz; investigación psicoanalítica.

NOTAS

1 Este artigo foi baseado no capítulo de tese de doutorado da autora: *Du jeu du bébé au jeu de l'enfant: une approche à la compréhension de la construction de relation d'objet chez l'enfant artiste*. Trabalho ainda não publicado.

2 O trabalho de observação segundo o método de Esther Bick baseia-se na análise do comportamento do bebê e da relação mãe-bebê, no meio familiar, nos seus primeiros meses de vida até os seus dois anos de vida. O objetivo maior deste método, consiste em observar a maneira como o bebê constrói e organiza suas primeiras interações com o ambiente e o mundo externo. Esta técnica de observação privilegia as experiências *emocionais* do bebê, diferenciando-se de outras práticas de observações, tais como as de Piaget e Wallon, cujos objetivos baseiam-se na investigação das modalidades do *desenvolvimento* da criança.

3 Tradução livre da autora: “profond n’est synonyme de primitif, parce qu’il faut que les nourrissons atteignent un certain degré de maturité avant de devenir progressivement capables d’être profond”.

4 Tradução livre da autora “la désignification s’effectue et c’est, sous cette condition que le signe prendre, dans la théorie, le pouvoir d’un paradigme”.

camila_saboia@hotmail.com

Recebido em outubro/2010

Aceito em novembro/2010